

TEMPO DE QUE E PARA QUÊ? PROBLEMATIZAÇÕES, PRESSUPOSTOS E ENSAIOS PARA PENSAR O TEMPO DA EDUCAÇÃO INTEGRAL NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Josiane de Souza Paiva ¹

Gabriela Venturini ²

Neste regime de temporalidade, com o qual o homem pensou que iria ganhar o Tudo, ficou com Nada: é difícil ter um espaço, uma história, um tempo vivido, um território, [...] seria preciso um outro regime de temporalidade que restituísse ao homem sua condição de habitante do tempo. (PELBART, 1993, p.42)

Tempo. Começamos essa discussão do tempo, pensando sobre ele: tempo do hoje, tempo do agora, tempo do fazer, tempo de ler, de escrever, de produzir, tempo de falar, tempo de calar. Tempo de estar e de parar. Tempos “difíceis” (SANTOS, 2007) e tempos “antidemocráticos” (GOMES, 2020) Tempo que pegamos, que damos, que dividimos, que multiplicamos e que esquadrimos. Tempo que procuramos, que não encontramos, que compramos com uma moeda que não existe. Tempo que perdemos e que nos perde. Tempo que tira, que toma, que esvai. Pelbart (1993) usa a filosofia para nos ajudar a pensar sobre nossa relação com o tempo,

¹ Doutoranda em Educação pela Universidade do Vale dos Sinos - Unisinos; Assessora Pedagógica no Colégio dos Jesuítas em Juiz de Fora – Rede Jesuíta de Educação. Contato: josianespaiva@hotmail.com

² Doutoranda em Educação pela Universidade do Vale dos Sinos – Unisinos. Bolsista CAPES. Professora da Educação Infantil e Anos Iniciais das redes pública e privada de Porto Alegre – RS. Professora do Curso de Pedagogia da Universidade Lasalle, Canoas - RS.

chamando-a de temporalidade, diz de um tempo que não nos cabe mais, de um tempo que não mais temos e não nos tem. Em sua obra, *Nau do tempo*, reflete sobre a relação desse tempo com o poder, expressando em palavras que a “obsessão contemporânea, mais do que controlar o tempo, consiste em abolir o tempo [...] se ontem o sonho da onipotência do homem era o controle do espaço, da extensão física da matéria, hoje, o homem realiza um sonho ainda mais demiúrgico, um regime de temporalidade que tende a abolir a própria duração”. Junto com isso, pensamos em nosso presente e fica nítido ver que somos tomados a todo tempo pela lógica neoliberal do tempo da produção, do tempo que é dinheiro. Cada vez buscamos mais, fazemos mais, produzimos mais, na mesma medida em que cada vez temos a sensação de que fazemos menos, produzimos menos e de que somos incapazes de *fazer* este mais.

Na esteira do tempo, trazemos a educação integral, educação que tratou de pensar com e pelo tempo, de usá-lo mais e de produzir mais com ele. Sabemos que o debate acerca da educação integral é bastante antigo e está vinculado a muitas concepções de educação. A preocupação com a formação do ser humano nas várias dimensões é o ponto de partida de muitas políticas de educação integral desde o século XVIII. Com o passar do tempo, esse debate foi se alargando e passou a considerar outras dimensões, entre elas, os modos diferenciados de organizar a jornada escolar, a ampliação do tempo de permanência dos estudantes na escola, as mudanças na rotina e nos espaços escolares. Além disso, há uma reflexão sobre os conhecimentos que serão selecionados para a instituição escola, as reflexões em torno da experiência, da vivência, das possibilidades de organização da escola para além de um conhecimento fixo, destacando uma preocupação em pensar essa escola para além do conhecimento historicamente acumulado. Com isso, perguntamos como o tempo se tornou alvo das reflexões em torno da educação integral? Que relações são estabelecidas entre a educação integral e o seu tempo? Para que e o que precisamos educar em tempo integral? Para alcançar melhores resultados? Para adequar a escola às novas

demandas que emergem dos discursos econômicos contemporâneos? Ou para ressaltar a própria reconfiguração do papel formativo da escola que se encontra hoje esvaído?

No Brasil, a discussão sobre educação integral, há tempos, vincula-se ao bem-estar, às necessidades do estado em produzir políticas de proteção e cuidado para as crianças e, de alguma maneira, atrelado à modificação da rotina dos adultos, à inserção das mulheres no mercado de trabalho. Cavaliere (2007) resalta que a ampliação do tempo diário poderia implicar a transformação do tipo de vivência escolar. Nesse sentido, provoca-nos a refletir: mais tempo para qual escola?

Considerar a ampliação do tempo da criança na escola requer pensar que esse tempo é constituído com base nas diferentes concepções que se tem sobre ele. Segundo Ana Maria Cavaliere, “a organização social do tempo é um elemento que simultaneamente reflete e constitui as formas organizacionais mais amplas de uma dada sociedade. Dentre os meios de organização do tempo social, destaca-se o tempo de escola que, sendo a mais importante referência para a vida das crianças e adolescentes, tem sido, no mundo contemporâneo, um pilar para a organização da vida em família e da sociedade em geral” (2007, p.1017). Essa reflexão inicial é o mote pelo qual baseamos a discussão deste texto que objetiva pensar sobre o tempo na escola de educação infantil, a partir do currículo de tempo integral. Nosso texto foi construído junto a muitas discussões e leituras da disciplina “Seminário Avançado - Currículo, educação integral e inovação educativa” no curso de Doutorado em Educação, guiadas pelo Professor Roberto Dias da Silva e com a presença de diversos colegas.

Nossa intenção é, inicialmente, problematizar as relações que se fazem presentes na escola de educação infantil em vista do tempo, pensando como o tempo atravessa o fazer cotidiano, ou seja, o currículo, olhando para o presente. Em seguida, buscamos relacionar nossa discussão com a base teórica que estudamos na disciplina e com a política pública que hoje rege a Educação Infantil no Brasil: a Base Nacional Comum Curricular. Na terceira parte do

texto, nosso objetivo é de fazer um pequeno ensaio que nos ajude e auxilie nossos pares a pensar em práticas possíveis que façam sentido dentro de uma escola de educação infantil que deseja ter tempo e dar tempo para a produção de pensamento, pois é nisso em que acreditamos como professoras e como pesquisadoras da educação e da escola.

Problematizações sobre o tempo e o cotidiano/currículo da educação integral na educação infantil: tempo a mais para quê?

Quando pensamos em educação integral, um elemento que costuma vir à nossa mente é a ampliação do número de horas que o aluno fica na escola. Ainda que a educação integral possa se dar em variados tempos, a ampliação da jornada vem sendo uma característica das principais iniciativas dessa concepção de escola. No entanto, é necessário refletir sobre os desafios que se desdobram a partir de alguns posicionamentos da instituição. Assim, alguns questionamentos precisam ser feitos para que possamos propor um projeto de educação integral que faça sentido para a escola e para os seus estudantes.

Tempo a mais para quê? Pensar essa extensão do tempo da criança na escola pressupõe uma reflexão sobre a intencionalidade das experiências que oferecemos e sobre a maneira que favorecemos a sua apropriação cultural. Nesse sentido, tempo integral, por si só, não garante qualidade na educação, pois pode significar somente ofertar mais do mesmo. No entanto, não podemos desconsiderar que a ampliação de permanência na escola pode qualificar a educação, pois a escola pode, desta forma, aproximar-se da vida dos seus estudantes, possibilitando a inserção de dimensões formativas que, tradicionalmente, não são comumente contempladas.

A ampliação do tempo da criança na escola precisa ser entendida como uma oportunidade para que nós, educadores, qualifiquemos as vivências com atividades significativas em sua rotina na escola. Para Cavaliere (2007, p. 1017) “reduzir as

potencialidades da ampliação do tempo de escola à busca de mais eficiência nos resultados escolares ou à adaptação às rotinas da vida urbana contemporânea limita os possíveis sentidos ou significados educacionais inovadores dessa ampliação.” Assim, esse “tempo a mais” só terá sentido se promover o alargamento das experiências e das aprendizagens significativas para as crianças e se não forem consideradas como instrumento de preparação para o futuro, mas que possam refletir em suas experiências, contribuindo para a sua formação integral.

Paro (2009) nos alerta a respeito do risco de se conceber uma ampliação do tempo de/na escola, considerando o que a escola já oferece, que se reduz à transmissão de conteúdo, seria fazer mais do mesmo e, portanto, não justificaria tal mudança. Como reforça Ana Cavaliere (2007), “uma concepção de educação integral, que envolva múltiplas dimensões da vida das crianças e adolescentes, precisa de um tipo de escola onde ocorram vivências reflexivas, no sentido *deweyano* do termo.” (CAVALIERE, 2007, p. 1022). Assim, a extensão do tempo não é garantia de qualificação das experiências, já que pode significar ocupação do tempo.

Se nos submetermos à lógica utilitária do tempo, em que precisamos “ocupar” as crianças, cairemos no erro de potencializar as dificuldades já enfrentadas no sistema educacional brasileiro. Assim, a reflexão, para a construção de uma proposta curricular que promova uma reconstrução social da experiência, precisa considerar o desenvolvimento humano nas variadas dimensões, a integração curricular e, sobretudo, a diversificação de métodos que favoreçam diferentes estratégias, equilibrando cultura e conhecimento, a fim de favorecer propostas curriculares mais centradas em competências que atendam aos desafios da vida.

Neste texto, queremos pensar junto contigo professor, professora, gestor, monitor, educador da educação infantil: como *usamos* o tempo hoje nas escolas? Que relações estabelecemos com ele e com o currículo? Como decidimos o que fazer nele? Que critério usamos para definir o *importante*? Acreditamos que não temos a resposta para tais questionamentos, mas também

acreditamos que é extremamente necessário pensar sobre essas questões quando estamos operando com a educação de crianças e de jovens, pois lidamos com uma responsabilidade que diz respeito à vida. Com isso, de antemão, afirmamos que nosso compromisso aqui é pensar junto e não de trazer respostas. Afirmamos isso, não só pelo cansaço que estamos em nos relacionarmos com imediatismos que resolvem todos os problemas da educação do nosso país em um método, em um texto ou até mesmo em uma opinião, mas também por acreditarmos, baseadas na filosofia da diferença (base teórica que nos ampara), que a Educação é fortalecida pelas perguntas e não pelas respostas.

Nessa linha de estafamento, colocamos em discussão o currículo entupido que atua hoje na educação infantil, tomando o tempo curricular que é do cotidiano. Para Cavalieri, “ao longo do século XX, o tempo de escola no Brasil vai sofrendo lentas mudanças em sua definição, a qual tende a ser compatibilizada com um novo tempo social baseado na cultura urbana. Esta última traz a escolarização das massas, o ingresso das mulheres no mercado de trabalho, a eliminação do trabalho infantil e a regulamentação das relações de trabalho.” (CAVALIERE, 2002, p. 1018). Nesse sentido, a lógica neoliberal invade o contexto educacional, e muitas escolas passam a assumir esse papel cujo fim consiste em prestar um serviço, situando seu campo como mercado e vendendo educação como produto.

Nosso documento maior que rege essa etapa da educação, a Base Nacional Comum Curricular, corrobora com tal lógica, formando sujeitos a partir de competências e habilidades. Observa-se que a presença na escola de educação infantil encontra-se reduzida àquilo que nomeamos como *fazção*, um fazer descompassado. Por trás de currículos entupidos de aulas especializadas que buscam, cada vez mais, ensinar a partir da ideia da inovação³, temos a necessidade de vender, de competir, de

³ Destacamos que essa inovação não se trata do conceito discutido no semestre, mas da ideia que hoje está na moda, no sentido de trazer algo novo, de inovar como mais e melhor - o que difere da posição que tomamos nesta discussão.

consumir, de produzir, de conquistar e de buscar, incessantemente, uma ideia de felicidade. Sim, ousamos afirmar que, em muitos espaços hoje, vendem aprendizados felizes, assim como Seibert (2018) nos ajuda a pensar em sua pesquisa.

Nessa acepção, é preciso também fazer uma breve análise do currículo na educação infantil, a fim de podermos então falar da sua relação com o tempo. Como se sabe, a E.I. nasce no Brasil pela necessidade de trabalho das mulheres e emerge pela luta de classes. Ou seja, assim como toda nossa educação, a E.I. foi, por muito tempo, privilégio em nosso país. Com o surgimento de políticas públicas e com o acesso à educação básica, temos uma ampliação da oferta de educação infantil à população, mas que iniciou tardiamente e ainda ocorre de maneira muito gradual. Assim, em seu início, o tempo da escola de educação infantil era pensado como preparação para as demais etapas escolares, por essas sim eram tidas como *importantes*. Práticas de treinamento para a aprendizagem formal, tais como repetições e memorizações sem sentido ou contexto, pintura de desenhos prontos, colagem de bolinhas em cima de linhas foram as marcas deixadas por uma escola que preparava as crianças para o futuro, o que pensava ser mais importante que o presente. Para Cavaliere, a partir da virada do século, com base no artigo 34 da LDB/96, intensifica-se o surgimento, nos sistemas públicos estaduais e municipais, de projetos que envolvem o aumento do tempo diário de permanência das crianças e adolescentes nas escolas (CAVALIERE, 2007, p. 1006).

Com tal contexto, a educação integral das crianças, como apontou Cavaliere, trouxe uma ideia de ampliar o tempo de escola a fim de garantir maior qualidade de alimentação, de segurança e, por consequência, de aprendizado das crianças. Contudo, nesse cenário do começo educação integral, também lembramos os avanços que os estudos da criança e de educação infantil tiveram, como no entendimento da importância da educação infantil para o tempo presente e da criança como produtora de cultura, como sujeito de direitos e não apenas como alguém que está passando por uma “fase da vida”. É com isso que mudanças severas acontecem no campo da escola infantil: se antes os sujeitos iam à escola para se prepararem para

o ensino fundamental, hoje, as crianças vão para as escolas para construir aprendizados de extrema importância para si, sobre si, para o mundo e sobre o mundo. A palavra preparação não faz parte do currículo da educação infantil.

Para além, então, das discussões de mudança de currículo, as discussões sobre tempo e suas concepções começaram a ser o foco para a educação de crianças. O tempo hoje é pensado intencionalmente nas escolas e é visto como protagonista no desenvolvimento infantil, assim como produz vivências que emergem do cotidiano, o tempo é produzido pelos sujeitos que vivem esse cotidiano: as crianças e os adultos em suas relações. Sendo assim, precisamos avançar no sentido de pensarmos que as crianças passam um tempo nas escolas, na contrapartida de que esse tempo é foco do cotidiano. Autores contemporâneos dessa etapa da educação, como Rodrigo Saballa de Carvalho (2015), escrevem suas pesquisas baseando-se no conceito de temporalidade, afirmando que as crianças não só *usam* o tempo que seria o do relógio, mas produzem relações com ele, criando assim, na escola infantil, temporalidades.

Agora torna-se importante ressaltar, como já mencionado, que entre os discursos atuais em educação infantil e currículo, temos a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, MEC), que nasce da ideia de dar continuidade no trabalho de “adequação dos currículos regionais e das propostas pedagógicas das escolas públicas e particulares brasileiras” (2018, p. 5), assim como se propõe a trazer um “conjunto de habilidades essenciais aos estudantes brasileiros” (*ibidem*). Apesar da BNCC dialogar, em seu início, com alguns pressupostos que a pedagogia da infância inaugurou no Brasil, destacamos que ela opera com habilidades e com competências e, nessa lógica, distancia-se das questões que abordam o conceito de temporalidade. Na BNCC, encontramos dados que expressam o como utilizar o tempo, assim como noções de resultados que devem ser obtidos com as crianças, após, por exemplo, a etapa da educação infantil, cuja ilustração se encontra na página 53 deste documento.

Antes mesmo da criação dessa política pública, muitas escolas já “aproveitavam” o tempo das crianças para fazerem com que elas aprendessem, para obterem melhores resultados no futuro. Tal lógica de aproveitamento do tempo não tem somente sua origem no neoliberalismo, mas também na esteira dos ideais escolanovistas que chegaram ao Brasil na década de 20 e trouxeram como base os estudos de autores como Piaget, Vygotsky, Dewey, Claparède, os quais, como se sabe, inauguraram o cerne do desenvolvimento aliado à educação, aprender, para esse movimento, significava se desenvolver de maneira integral e prazerosa. É aqui que, por exemplo, conceitos como experiência, significado, vivências, começam a surgir na área da educação. Tais conceitos, para a educação, iniciam nessa época, mas, no campo da E.I., ganham força na década de 90, com a pedagogia da infância e com sua inserção em documentos, como as DCNEI.

Assim sendo, o tempo passa a ser um conceito a ser operado nas escolas infantis com intencionalidade e necessita de um olhar cuidadoso, sendo, inclusive, centro do conceito da escuta. As escolas passam a ofertar currículos de tempo integral baseadas num currículo que se traduz como cotidiano. Não é mais o que as crianças fazem na escola que importa, mas como elas estreitam suas relações com seus pares, com os adultos desse espaço, como se relacionam com o meio e como se colocam nesse processo de protagonismo. O aprender, neste sentido, está numa ordem posterior, como consequência das vivências do cotidiano.

Entretanto, mais uma vez, é necessário lembrarmos de nossa luta de classes, na qual a educação está presente. Enquanto a escola pública está avançando em seus estudos sobre os direitos das crianças e sobre o currículo pautado no cotidiano, as escolas privadas (algumas) continuam neste processo de empreendedorismo da educação, ofertando, a cada ano, inovações para seus currículos, como pensamento computacional e aulas específicas de tudo que se possa imaginar, desde a idade dos bebês. Não estamos dizendo que este ou aquele currículo é melhor ou pior, mas estamos reafirmando o problema real da desigualdade que as divergências do nosso país, em

termos de educação, consolidam dia após dia, as quais, diga-se de passagem, já ganharam força suficiente com a pandemia COVID-19 em que estamos vivendo.

Baseadas então nesse cenário e nessa configuração atual de educação infantil, precisamos nos perguntar como se configura, hoje, um currículo de tempo integral na educação infantil que precisa dar conta de competências e de habilidades, mas que acredita na potência do tempo como espaço de criação? Como professoras e pesquisadoras, junto com nossa turma do Seminário, assim como com nosso grupo de pesquisa Carcarás, defendemos a ideia de currículo que foi pensada, estudada e articulada na disciplina em questão: a ideia de que o currículo é formativo e precisa de tempo e de espaço de pensamento. Com isso, não podemos mais vincular aprendizado com quantidade, assim como não podemos mais vincular um “bom” currículo com a quantidade de especificidades oferecidas por uma escola. Se essa noção de entupimento, em algum momento, fez sentido para acreditarmos que educação “boa” se reduzia a isso, pensamos que *ainda bem* que superamos, enquanto população de pesquisadores e de professores, que currículo não é dessa ordem.

Dessarte, falaremos agora, um pouco sobre como podemos pensar juntos e juntas em possibilidades de currículo de tempo integral, nas escolas infantis de nosso país, que ultrapassem a lógica do utilitarismo, que promovam o desenvolvimento do protagonismo infantil, que sejam solidárias e democráticas, que respeitem as diferenças, mas para além disso, que as valorizem e produzam condições para a diferença se tornar nosso ponto de partida na educação de crianças e de jovens.

Ensaio sobre os possíveis em relação ao tempo na escola de educação infantil

Entendemos que este é o momento de nos colocarmos para pensar os possíveis em se tratando de um currículo de educação integral para crianças. Como já ressaltado, temos como certeza a ideia

de que o currículo da educação infantil é o cotidiano, assim como ensina Barbosa (2017). Dessa forma, a proposição que fazemos aqui é pautada no desafio de unir este currículo que valoriza a vida e aquilo que permeia o dia a dia das crianças com propostas que pensamos valorizar e qualificar o tempo a mais das crianças na escola, visando à produção de pensamento e de coletividade. Conforme Cavaliere: “nesse sentido, ou seja, entendendo-se mais tempo como oportunidade de uma outra qualidade de experiência escolar, é que a escola de tempo integral pode trazer alguma novidade ao sistema educacional brasileiro” (CAVALIERE, 2007, p. 1023). Mais tempo aqui é entendido como mote para a escola fazer acontecer outras vivências para seus estudantes.

Exercitando, então, a ideia de construção de um possível currículo de tempo integral, pensamos que, para este currículo, alguns conceitos precisam estar presentes: cotidiano, protagonismo, pesquisa e cidadania. Para nós, a união desses conceitos, produzidos em uma prática integrada, pode trazer experiências enriquecedoras de pensamento. Em nossa sugestão, unimos os aprendizados de uma educação democrática, aprendida com Beane (2017) neste semestre, com as discussões e apontamentos do professor Roberto, às nossas práticas e pesquisas. Dessa união, ressaltamos o trabalho de grupos com foco em pesquisas que exercitem a cidadania dos estudantes.

Explicamo-nos: acreditamos que a escola tem o compromisso com o desenvolvimento de uma consciência coletiva sobre o mundo, sobre a vida. Não podemos mais aceitar que crianças e jovens passam boa parte da vida em uma escola que não se preocupa em ensinar responsabilização, porque sim, responsabilidade, empatia, respeito e valorização à vida precisam ser ensinados. Na escola de tempo integral, além do tempo a mais, existe também uma relação outra, que é a de um pertencimento diferente, pois as crianças que passam seu dia na escola fazem, nesse espaço, aquilo que outras crianças e jovens fazem em casa: refeições, descanso, higiene. Algumas crianças passam 8 horas de seu dia em uma escola.

Sustentadas nisso, compreendemos que existe, por trás dessa ideia do desenvolvimento da cidadania, um itinerário que opera com a dimensão cultural que também é apontada por Cavalieri e que precisa estar presente neste currículo, afinal, uma escola que está comprometida com a vida, com a produção de pensamento, com o exercício da cidadania, precisa ocupar seu tempo, também, em busca da expansão e valorização cultural. Não há segredos ou grandes receitas para que tenhamos melhores resultados como população, no campo da educação, ressaltando que, a nosso ver, resultado não é ranking, mas aprendizados de qualidade e bem-estar dos estudantes. O que há é um árduo trabalho coletivo que precisa ser efetivado em nossas escolas para que saibamos bem aproveitar o tempo a mais em favor do fortalecimento de mais coletivos.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, M. C. S. ; Quadros, V. S. R. . **As aprendizagens cotidianas:** os cuidados pessoais das crianças como gesto curricular. *REVISTA EM ABERTO - INEP* , v. 30, p. 45, 2017.
- BEANE, James. **Ensinar em prol da democracia.** *Revista e-Curriculum*, v. 15, n. 4, p. 1050-1080, 2017.
- BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Institui, no Brasil, as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília/DF: Presidência da República, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso 02 de julho de 2021.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília/DF: Ministério da Educação, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: jul.2021.
- CAMBI, Franco. **História da Pedagogia.** Tradução de Álvaro Lorencini. – São Paulo: Fundação Editora da UNESP (FEU), 1999.
- CAVALIERE, Ana Maria. **Tempo de escola e qualidade na educação pública.** *Educação e Sociedade*, v. 28, n. 100, p. 1015-1035, 2007.